


**unesp**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara - SP**

TAÍSA BIAGIOLLI ZAMBON

**CONTOS DE FADAS E SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS: UMA**  
**ABORDAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL II**



ARARAQUARA – S.P.  
2014

TAÍSA BIAGIOLLI ZAMBON

**CONTOS DE FADAS E SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS: UMA  
ABORDAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Letras.

**Orientadora: Profa. Dra. Denise Maria Margonari**

ARARAQUARA – S.P.  
2014

Zambon, Taísa Biagiolli

Contos de fadas e sequências didática : uma abordagem  
no ensino fundamental II / Taísa Biagiolli Zambon – 2014  
54 f. ; 30 cm

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) –  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”,  
Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara)  
Orientador: Denise Maria Margonari

1. Leitura. 2. Contos de fadas. 3. Ensino fundamental.  
I. Título.

TAÍSA BIAGIOLLI ZAMBON

# **CONTOS DE FADAS E SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS: UMA ABORDAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Letras.

**Orientadora: Profa. Dra. Denise Maria Margonari**

Data da defesa/entrega: 30/01/2015

## **MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Denise Maria Margonari**  
UNESP – Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’  
Faculdade de Ciências e Letras - Araraquara

---

**Membro Titular: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rosangela Sanches da Silveira Gileno**  
UNESP – Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’  
Faculdade de Ciências e Letras - Araraquara

---

**Membro Titular: Ana Carolina Sperança Criscuolo, pós – doutoranda em linguística**  
UNESP – Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’  
Faculdade de Ciências e Letras - Araraquara

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
**UNESP – Campus de Araraquara**

Para meus pais, por todo o carinho e apoio.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, por ter me concedido saúde, força e perseverança. Por ter iluminado meus caminhos e estudos que me fizeram chegar aonde cheguei.

Agradeço a meus pais, por todo o amor, suporte, incentivo e apoio desde sempre.

A minha orientadora, professora doutora Denise Maria Margonari, por toda a ajuda e colaboração no desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus amigos de graduação, que fizeram com que essa etapa se tornasse única por toda a amizade e carinho que a envolveu.

Aos meus colegas de trabalho, professores e coordenadores, que me ensinaram muito sobre a educação e seus desafios.

A todos os meus alunos, que me tornaram professora e me incentivam a continuar nesse caminho, com os quais aprendi muito a cada dia.

Muita gente fala em prazer da leitura, mas às vezes essa noção fica um pouco confusa. Claro, existe um elemento divertido, de entretenimento, em acompanhar uma história engraçada, emocionante ou cheia de peripécias. [...] Há muito mais do que isso. Muito mesmo, como sabe qualquer leitor.

Ana Maria Machado (2002, p. 19)

## RESUMO

O trabalho proposto baseou-se na elaboração de sequências didáticas a partir de contos de fadas, para alunos dos anos do Ensino Fundamental II, em aulas de reforço de Língua Portuguesa. Julgou-se pertinente o uso desse gênero textual, uma vez que proporciona à criança e ao adolescente uma leitura prazerosa, aproximando-os de situações lúdicas. Como um dos principais objetivos, esta pesquisa buscou a elaboração de sequências que estimulassem o trabalho com contos de fadas em sala de aula, bem como um estímulo à leitura para esses estudantes. Pretendeu-se, ainda, que os alunos absorvessem as narrativas e as mensagens transmitidas por elas, associando-as com situações cotidianas. Utilizou-se o método dedutivo, em que se organizou inicialmente a abordagem em sala de aula e as sequências didáticas a partir de pressupostos teóricos e materiais já concebidos.

**Palavras-chave:** Leitura. Contos de fadas. Sequências didáticas.

## **ABSTRACT**

The proposal of this work is based on the elaboration of didactic sequences from fairy tales, for students of Elementary School, during reinforcement classes of Portuguese language. It is deemed appropriate to use this genre, because it gives to the child and to the adolescents a pleasurable reading, approaching them of playful situations. As a main goal of this work, this research aimed the preparation of didactic sequences using fairy tales in the classroom, as well as encouraging the reading for these students. The intention was also the internalization of the narratives and the messages conveyed by them, associating them to everyday situations. We used the deductive method, in which we initially organized the approach in the classroom and the teaching sequences from theoretical assumptions and materials already designed.

**Keywords:** Reading. Fairy tales. Didactic sequences.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1</b>	<b>O esquema das sequências didáticas</b>	<b>22</b>
<b>Imagem 2</b>	<b>O esquema das sequências didáticas adaptado em nosso trabalho</b>	<b>22</b>
<b>Imagem 3</b>	<b>Alfabeto móvel</b>	<b>36</b>
<b>Imagem 4</b>	<b>Sílabas – Alfabeto móvel</b>	<b>36</b>
<b>Imagem 5</b>	<b>Palavras – Alfabeto móvel</b>	<b>36</b>
<b>Imagem 6</b>	<b>Sondagem – Aluno L</b>	<b>37</b>
<b>Imagem 7</b>	<b>Sondagem – Aluno G</b>	<b>37</b>
<b>Imagem 8</b>	<b>Atividades – Aluno L</b>	<b>38</b>
<b>Imagem 9</b>	<b>Atividades – Aluno G</b>	<b>39</b>
<b>Imagem 10</b>	<b>Atividades – Aluno A</b>	<b>41</b>
<b>Imagem 11</b>	<b>Atividades – Aluno G</b>	<b>42</b>
<b>Imagem 12</b>	<b>Atividades – Aluno I</b>	<b>43</b>
<b>Imagem 13</b>	<b>Atividades – Aluno M</b>	<b>44</b>
<b>Imagem 14</b>	<b>Atividade coletiva – O pé-de-feijão de verbos</b>	<b>45</b>
<b>Imagem 15</b>	<b>Atividade coletiva – O pé-de-feijão de verbos (destaque)</b>	<b>46</b>
<b>Imagem 16</b>	<b>Substantivos</b>	<b>46</b>
<b>Imagem 17</b>	<b>Atividades – Aluno L</b>	<b>47</b>
<b>Imagem 18</b>	<b>Atividades – Aluno R</b>	<b>49</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA</b>	<b>11</b>
<b>1 OS CONTOS DE FADAS E O TRABALHO EM SALA DE AULA: TEORIAS</b>	<b>13</b>
1.1 Leitura dos clássicos: Por quê?	13
1.2 Contos de fadas: Um gênero textual da literatura para crianças e adolescentes	16
1.2.1 Elementos estruturais e estilísticos dos contos de fadas	17
1.3 A sistematização de atividades: as sequências didáticas	21
<b>2 METODOLOGIA</b>	<b>23</b>
2.1 O contexto educacional da pesquisa	23
2.2 Material selecionado	24
<b>3 APRESENTAÇÃO DAS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS</b>	<b>25</b>
3.1 As sequências didáticas elaboradas	25
3.1.1 Sequência didática – Os três porquinhos (7º ano – Ensino Fundamental)	25
3.1.2 Sequência didática – João e o pé-de-feijão (8º ano – Ensino Fundamental)	28
3.1.3 Sequência didática – João e Maria (9º ano – Ensino Fundamental)	32
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>36</b>
4.1 Sequência didática <i>Os três porquinhos</i> – 7º ano	37
4.2 Sequência didática <i>João e o Pé-de-Feijão</i> – 8º ano	40
4.3 Sequência didática <i>João e Maria</i> – 9º ano	47
4.4 Algumas conclusões sobre a aplicação das sequências didáticas	51
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>53</b>
<b>BIBLIOGRAFIA CONSULTADA</b>	<b>54</b>

## INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Florestas encantadas, casas feitas de doces; pós mágicos, varinhas de condão; bruxas e lobos maus, príncipes e princesas, heróis e vilões. As histórias de magia, sobretudo nos contos de fadas, transmitem às crianças e aos pré-adolescentes o sentimento de que aquilo, antes impossível, pode quebrar barreiras, tornando-se cabível e realizável. De acordo com Bruno Bettelheim, para uma história atrair a criança e sua atenção, ela deve, além de entretê-la, despertar sua curiosidade e estimular sua imaginação (BETTELHEIM, 1980, p. 13). Esses estímulos estão amplamente contidos nesse gênero textual.

Os contos de fadas conquistam e cativam desde crianças até adultos, seja pelo encanto que proporcionam, seja como uma maneira de fugir de uma realidade muitas vezes assustadora e incompreensível à primeira vista. Dessa forma, esses textos foram escolhidos como ponto de partida para a nossa pesquisa. Julga-se pertinente o trabalho com essas histórias, uma vez que proporcionam à criança uma leitura prazerosa e aproximam-nas de situações lúdicas.

O trabalho com essa tipologia textual em sala de aula, por cativar o leitor, é um estímulo ao hábito da leitura para a criança e o pré-adolescente, auxiliando-os em outras habilidades que serão desenvolvidas com a posteridade de seus estudos e de sua vida. Além disso, possibilita-se a absorção das narrativas e das mensagens transmitidas por elas, associando-as com situações cotidianas.

Assim, os contos de fadas foram utilizados como bases para a elaboração de três sequências didáticas, aplicáveis nos últimos anos do Ensino Fundamental II: 7º, 8º e 9º anos. Escolhemos os contos *Os três porquinhos*, *João e o pé-de-feijão* e *João e Maria* para comporem essas sequências, aplicadas em uma escola estadual do município de Araraquara, durante aulas de reforço de Língua Portuguesa.

Essas narrativas foram escolhidas, entre diversas outras possibilidades, por julgarmos serem atrativas e adequadas para o público-alvo. Essa atração ocasiona-se seja por elas trazerem um universo de aventura e magia, seja por tocarem em assuntos como amizade, companheirismo e família, que despertam o interesse dos estudantes, que vivem, atualmente, em uma realidade conturbada quando analisamos suas condições emocionais. Em *Os três porquinhos*, valores morais como a responsabilidade e a maturidade são passíveis de

discussão; já em *João e o pé-de-feijão*, a ideia de que existe um herói escondido no interior de cada ser humano faz com que os estudantes sejam estimulados a acreditarem em seus potenciais e habilidades. Por fim, a história de *João e Maria* possibilita uma reflexão sobre ideais de companheirismo, amizade e irmandade.

O uso de sequências didáticas também mostra-se favorável, pois possibilita a elaboração de diversas atividades, respeitando os contextos em que serão inseridas, e visando a um aperfeiçoamento e progresso na aprendizagem do estudante, de maneira que ocorra uma fuga daquilo que seria monótono ou cansativo.

A leitura é um direito, também encarado como uma forma de resistência e reação à sociedade, bem como uma fonte de prazer, de acordo com a autora Ana Maria Machado (2012, p. 18-19). Dessa maneira, o trabalho com a leitura, seguida da aplicação de atividades afins, é capaz de proporcionar uma melhor desenvoltura dos alunos e o desenvolvimento de suas capacidades, não somente no âmbito de situações escolares, mas para situações de suas vidas.

Neste sentido, iniciaremos nosso trabalho com apontamentos teóricos acerca da importância da leitura de obras clássicas e as influências delas no cotidiano de crianças e adolescentes, bem como com a apresentação e discussão sobre o que são e como serão utilizadas as sequências didáticas. Em seguida, exporemos um panorama sobre o contexto educacional em que as atividades foram aplicadas e a metodologia. Posteriormente, apresentaremos, analisaremos e discutiremos os dados e os exercícios realizados pelos estudantes, bem como as conclusões às quais chegamos, como os resultados e as dificuldades apresentadas. Por fim, proporemos novas ideias e sugestões para o uso de contos de fadas em sala de aula.

## 1 OS CONTOS DE FADAS E O TRABALHO EM SALA DE AULA: TEORIAS

Visando um incentivo à leitura e também considerando o caráter engrandecedor dos contos de fadas para o estudo dentro de sala de aula, sequências didáticas foram elaboradas em nosso trabalho. Neste capítulo, pretendemos esclarecer a real importância desse gênero textual para a vida dos estudantes que se encontram no Ensino Fundamental II.

Os contos de fadas são vistos como um amplo material de trabalho e discussão propostos em aulas, uma vez que educam, instruem e divertem os alunos. A possibilidade de identificação com personagens e a transposição de situações mágicas como metáforas para questões do cotidiano, fazem com que a aprendizagem torne-se mais rica e interessante aos olhos dos alunos.

Em nossas explicações, iremos nos utilizar dos escritos de Jesualdo, em *A literatura infantil*, Bruno Bettelheim, em *A psicanálise dos contos de fadas*, Ana Maria Machado, em *Como e por que ler os Clássicos Universais desde cedo*, Nelly Novaes Coelho, em seus trabalhos voltados para literatura infantil e juvenil e outras pesquisas pertinentes à área. Já para tratarmos das sequências didáticas, nos basearemos em Schneuwly e Dolz.

### 1.1 Leitura dos clássicos: por quê?

Desde crianças, a literatura mostra-se como importante fonte para o estímulo de interesses, da imaginação e do senso estético, funcionando como um alimento ao cérebro e promovendo o entretenimento (JESUALDO, 1978).

Possuindo as finalidades de instruir, educar e divertir, a leitura faz com que se tenha uma nova visão de mundo, aceitando-se as situações apresentadas como reais ou não. Dessa maneira, “ [...] a imaginação cria o que a realidade lhe inspira: não uma fantasia carente de razão, alheia à vida, mas uma fantasia cujas causas são absolutamente reais” (JESUALDO, 1978, p. 28).

Os contos de fadas, por sua vez, enriquecem a vida da criança no que se diz respeito ao desenvolvimento de sua personalidade, de acordo com Bruno Bettelheim (1980). Assim:

[...] os contos de fadas ensinam um pouco sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade de massa; estes contos foram inventados muito antes que ela existisse. Mas através deles pode-se aprender mais sobre problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade, do que com qualquer outro tipo de estória dentro de uma compreensão infantil. [...] (BETTELHEIM, 1980, p. 13)

Nesse sentido, esses textos proporcionam uma sensibilização da consciência de seus leitores.

Os contos de fadas que nos são apresentados atualmente tratam-se de adaptações de histórias, a princípio destinada para adultos, como forma de entretenimento. Com conteúdos violentos, eróticos e sensuais, essas narrativas foram adaptadas para a venda às crianças, a exemplo da coletânea de contos dos irmãos Wilhem e Jacob Grimm, datada do século XVII, na Alemanha. *Kinder und Hausmärchen*, traduzido como *Histórias de crianças e da casa*, pretendia ser uma coletânea de histórias alemães, com bases folclóricas, que aos poucos se espalhou pelo continente europeu (CASHDAN apud ZANE, 2013, p.40-41).

Embora a transmissão de conselhos seja uma característica própria às fábulas, os contos de fadas os transmitem, juntamente com ideais de sucesso e realização por parte de um herói, mobilizando afetos nas crianças e demais leitores. Auxiliam também para o enfrentamento de conflitos psicológicos e lutas internas, próprias do universo infantil e adolescente, por meio de jornadas e narrativas de transformações (ZANE, 2013, p. 38-42). Dessa maneira:

[...] A criança deve intuir o sentido das histórias, ao invés delas serem explicadas pelos adultos, pois assim a missão psicológica do conto é ampliada, ou seja, ajudam as crianças a resolverem as lutas internas entre as forças positivas e negativas do eu, enfim, o modo como elas se sentem em relação a si mesmas (CASHDAM apud ZANE, 2013, p. 41)

Uma vez que o mundo da fantasia funciona como uma metáfora ao mundo real, os leitores das narrativas de contos de fadas acabam por projetar, inconscientemente, partes delas e de seus valores em diversas personagens das histórias. Sobre esse assunto, Ana Maria Machado nos diz que, por meio da leitura, o leitor consegue inferir um

[...] contentamento de descobrir em um personagem alguns elementos em que ele se reconhece plenamente. Lendo uma história, de repente descobrimos nela umas pessoas que, de alguma forma, são tão idênticas a nós mesmos, que nos parecem uma espécie de espelho. Como estão, porém, em outro contexto e são fictícias, nos permitem um certo distanciamento e acabam nos ajudando a entender melhor o sentido de nossas próprias experiências. [...] (MACHADO, 2002, p. 20).

O medo do abandono, por parte de crianças e adolescentes, por pais e cuidadores/familiares, também pode ser relacionado ao universo dos contos de fadas. Ainda funcionando para o combate de medos e aflições, é recorrente a associação dessas narrativas mágicas com os sete pecados capitais, inseridos na moralidade transmitida pelos contos, segundo Cashdam (apud ZANE, 2013, p. 40-41). Como ilustração, podemos pensar nos pecados capitais da gula e da preguiça, discutidos respectivamente nos contos *João e Maria* e *Os três porquinhos*.

Esses textos também podem ser considerados como clássicos. Citando Harold Bloom e Ítalo Calvino, Ana Maria Machado (2002) diz que clássicos são aqueles considerados “[...] eternos e sempre novos” (MACHADO, 2002, p. 24). A ideia de que há séculos as histórias de fadas são passadas entre gerações, possuindo sempre algo para nos ensinar, nos permitem classificá-las dessa forma.

Algumas pessoas, no entanto, questionam a leitura e o contato de crianças e adolescentes com esses clássicos “de fadas”; afirmando que essas histórias influenciariam a uma alienação da realidade, repleta com os diversos problemas econômicos e sociais, condenando, assim, os contos de fadas. Contudo, ainda de acordo com Machado, acredita-se que o ser humano inventa e conta histórias para melhor se entender e também para compreender sua estadia no mundo (MACHADO, 2002, p. 75). Por conseguinte, acreditamos que esses textos, além de promoverem um contato com a cultura dos povos, promove um amplo estímulo à imaginação e à leitura, por meio do encantamento que geram. Além disso, finais que são “felizes para sempre” fazem com que se sonhe com dias melhores e que haja esperança para as tantas atrocidades da realidade atual. Com uma linguagem metafórica e simbólica, desejos de mudanças sociais são proporcionados em textos que são, também, literários, nos quais tudo é possível.

Assim, a tipologia textual dos contos de fadas, além de promover uma leitura prazerosa, com um misto de entretenimento e instrução, auxiliam para o autoconhecimento de seu leitor, por meio de situações de identificação e repúdio a determinados tipos de personagens presentes.

## 1.2 Contos de fadas: um gênero textual da literatura para crianças e adolescentes

Muitos são os gêneros textuais estudados e trabalhados em sala de aula. A explicação para esse fato baseia-se na necessidade e sugestão de que os estudantes sejam capazes de entenderem e se manifestarem em diversas situações. Assim, a literatura, mais especificamente, “[...] busca estimular a criatividade, a descoberta ou a conquista dos novos valores em gestação [...]” (COELHO, 2002, p. 49).

Em nosso trabalho, propomos também que os contos de fadas sejam assumidos como um gênero textual, que estimula à imaginação e a leitura, por trazer elementos mágicos e encantadores. Dessa maneira, são textos que podemos considerar como pertencentes a uma literatura infantil de fantasia. Ainda de acordo com Nelly Novaes Coelho,

O maravilhoso sempre foi e continua sendo um dos elementos mais importantes na literatura destinada às crianças. Essa tem sido a conclusão da psicanálise, ao provar que *significados simbólicos* dos contos maravilhosos estão ligados aos eternos dilemas que o homem enfrenta ao longo de seu amadurecimento emocional (COELHO, 2002, p. 54, grifos do autor).

Os contos de fadas possuem uma origem que nos remetem à raízes folclóricas; a esse exemplo, as antologias organizada pelos irmãos Grimm (na Alemanha) e Perrault (na França) tinham como propósito uma sistematização e coleção de contos populares europeus, como uma proposta para a catalogação da aspectos culturais e popularescos das comunidades (MACHADO, 2002, p. 68-77).

Ainda com origens folclóricas, as histórias de fadas possuem aspectos comuns em relação as suas estruturas: em primeiro lugar, caracterizam-se pela presença do maravilhoso,

responsável por seu caráter imaginativo, segundo Jesualdo (1978, p. 22-23). Fora isso, ocorre que “[...] o maniqueísmo que divide as personagens em boas e más, belas ou feias, poderosas ou fracas, etc. facilita à criança a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou do convívio social. [...]” (COELHO, 2002, p. 55).

### 1.2.1 Elementos estruturais e estilísticos dos contos de fadas

Os contos de fadas possuem características comuns a todos eles, além da preocupação com o conteúdo e valores transmitidos. Iremos nos utilizar neste subcapítulo das análises realizadas por Nelly Novaes Coelho (2002), Jesualdo (1978) e Propp (1984) para a apresentação dos aspectos estruturais dos contos de fadas.

Segundo Coelho, os contos de fadas pertencem ao mundo das metamorfoses. Esse mundo seria

[...] resultante da fusão do mundo real e do trans-real ou espiritual, representado nas narrativas por uma *realidade mágica*. É este o mundo dos contos de fada ou contos maravilhosos em geral, povoados por personagens que representam, simbolicamente, valores e estruturas sociais arcaicas. Nesse mundo, convivem *seres maravilhosos* (fadas, bruxas, anões, gigantes, ogros...); *seres superiores*, privilegiados pela realeza (reis, rainhas, princesas, príncipes...) e *seres inferiores*, ou seja, plebeus, que exercem funções consideradas “servis” (servos, servas, amas, escudeiros, lacaios, guardas, mercadores, gente do povo em geral) (COELHO, 2002, p. 95, grifos do autor).

Além de inserirem-se nesse mundo, essas narrativas de fantasia possuiriam outros fatores em comum. Ainda para Coelho, essas características seriam (COELHO, 2002, p. 102-109):

1. Iniciação com o motivo central da história, valorizando a objetividade;
2. O motivo central pode obedecer a uma das três seguintes necessidades básicas do ser humano: estômago, sexo e/ou vontade de poder; essas necessidades e motivos, por sua vez, tenderiam a girar em torno de outras três situações básicas: situação de trabalho, situação de casamento ou situação de exploração do homem pelo poder;

3. Apresentação em um tempo indeterminado, em um “[...] mundo explicado pelo pensamento mágico [...]” (COELHO, 2002, p. 104);

4. O ato de contar e narrar sempre é realizado através de uma voz familiar, que serviria de mediação entre a situação narrada e o leitor;

5. Essas histórias de fantasias são apresentadas no formato de contos, que trazem situações que seriam exemplos para a vida em sociedade;

6. A utilização da técnica da repetição é abrangente. Assim, a recorrência dos mesmos esquemas, relacionados aos “[...] argumentos, invariantes e variantes, tipos e atributos de personagens, motivos de conflito, funções das personagens, valores ideológicos [...]” (COELHO, 2002, p. 105) auxiliaria para evitar estruturas narrativas que fossem complexas ao entendimento do leitor;

7. Haveria uma representação simbólica e metafóricas nas histórias;

8. As personagens caracterizam-se por serem tipos, com funções no grupo social que convivem. Sobre essa categorias, Jesualdo afirma que as personagens em geral são poucas e apresentam

[...] grande unidade, intervindo, por vezes, crianças, não muito habitualmente, e com muita frequência, jovens em idade de se casar. Sua origem, as características que os distinguem e o modo como atuam são sempre extremamente exagerados. Quanto à origem, ou procedem de uma cabana muito pobre, ou de um faustoso palácio encantado. Quanto às características, ou são excessivamente bons, ou medrosos, belos, ou tragicamente feios, perversos e covardes, ou valentes e nobres; ou são anõezinhos, ou gigantes, bruxas ou princesas, reis disfarçados de mendigos, ou mendigos convertidos em reis e cavaleiros [...] (JESUALDO, 1978, p. 124);

9. A realidade convive com o imaginário;

10. O espaço funcionaria como um apoio para a personagem, suas ações e valores;

11. As narrativas apresentariam um senso de exemplaridade, a fim de divulgar e propagar ideias que contribuem para a formação da mentalidade do leitor;

12. Por fim, o narrador das histórias pode ser considerado como um contador de histórias, propagando as narrativas de tempos remotos.

Vladimir I. Propp, em seu livro *Morfologia do conto maravilhoso* (1984), também descreve que os contos maravilhosos possuem uma sequência que se repete em todos eles. Seu trabalho baseou-se na análise de contos russos e, para o autor, os contos, embora divergentes, obedeceriam à uma sequência estabelecida por funções (procedimentos ou atos das personagens). Essa sequência seria composta de 31 funções, umas ligadas às outras por uma relação de implicação. Nem todas elas estariam presentes em todas as histórias; contudo, a ordem seria sempre respeitada. (PROPP, 1984).

Propp elaborou o seguinte modelo para suas funções:

$\alpha$ : Situação inicial

$\beta$ : afastamento (partida ou morte de alguém mais velho, de um jovem, etc.)

$\chi$ : proibição

$\delta$ : transgressão

$\epsilon$ :interrogação (malfeitor pergunta sobre herói)

$\zeta$ : obtenção de informações (malfeitor recebe informações)

$\eta$ : persuasão pelo malfeitor (malfeitor engana a vítima)

$\theta$ : herói reage ante a proposta do malfeitor (vítima é enganada)

A: dano / a: carência

B: mediação, momento de conexão (apelo; envio/autorização do herói; anúncio do dano)

C: início da reação

$\uparrow$ : partida do herói

D: prova (doador submete herói à prova)

E: reação (herói tem êxito na prova)

F: transmissão de objeto mágico (herói recebe objeto mágico, informação, etc.)

G: viagem ao lugar de destino

H: luta contra malfeitor (combate, competição, etc.)

I: marca (herói recebe marca no corpo ou objeto identificador – lenço, anel, etc.)

J: vitória (malfeitor é derrotado, expulso, morto)

K: reparação do dano/carência (quebra de feitiço, soltura da prisão, fim da pobreza, etc.)

↓: regresso

Pr: perseguição (sucessiva transformação em diferentes animais; tentativa de morte)

Rs: salvamento (herói é socorrido ou consegue escapar)

O: chegada incógnito (herói aparece disfarçado ou não se identifica)

L: pretensões do falso herói (falso herói faz-se passar pelo herói)

M: tarefa difícil

N: realização da tarefa

Q: reconhecimento do herói

Ex: desmascaramento do falso herói

T: transfiguração (herói ganha nova aparência física, novas roupas, etc.)

U: castigo do malfeitor ou falso herói

W: recompensa (casamento, subida ao trono, enriquecimento, etc.)

(PROPP, 1984, p.150-156)

Segundo Propp, por mais que os personagens dos contos maravilhosos sejam diferentes, realizam frequentemente as mesmas ações. Enquanto o número de personagens é muito numeroso, o número de funções é limitado. Isso explicaria o duplo aspecto do conto maravilhoso: de um lado, sua extraordinária diversidade, seu caráter variado; de outro, sua uniformidade, não menos extraordinária, e sua repetibilidade.

Para Propp, nem todos os contos maravilhosos apresentariam todas as funções, mas isso não modificaria a lei da seqüência das funções, que é sempre idêntica (no que se refere ao folclore e não aos contos criados artificialmente).

Por meio dos elementos estruturais e estilísticos apresentados, novamente enfatizamos a necessidade de que os contos de fadas não devem ser considerados como um gênero a ser menosprezado, mas, sim, englobados em leituras em sala de aula e, seus aspectos, trabalhos e estudados de forma dinâmica e atraente para os leitores/estudantes.

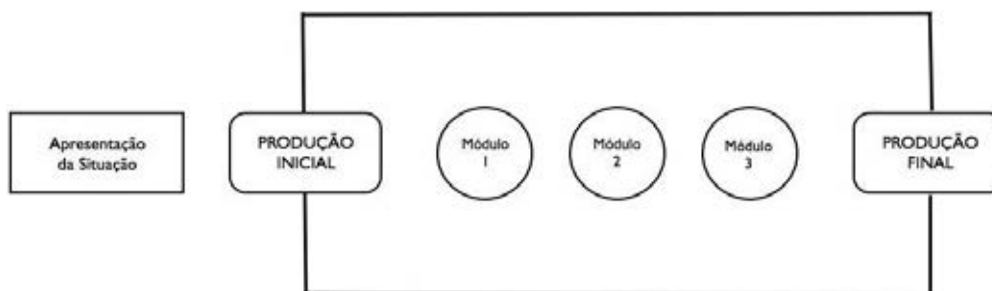
### **1.3 A sistematização de atividades: as seqüências didáticas**

Partindo do princípio de que os contos de fadas poderiam funcionar como gêneros bases para o estudo multidisciplinar entre gramática, leitura e produção de textos, a sistematização de nosso trabalho ocorreu por meio de seqüências didáticas.

De acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), seqüências didáticas constituem um conjunto de atividades escolares que são organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual, seja ele oral ou escrito. Assim, ajudariam o aluno no domínio perante um gênero.

Para esses autores, as seqüências didáticas trazem inicialmente a *apresentação da situação*, com a descrição da “tarefa” que será produzida ao término do estudo, auxiliando o trabalho e a organização do professor. Seguida a essa apresentação, tem-se a *produção inicial*, consistindo na primeira forma de avaliação sobre o conhecimento do aluno; durante esse momento, é possível ao docente inferir as melhores maneiras para a condução das atividades seguintes, divididas em *módulos*. Durante esses módulos, o trabalho e estudo das competências relevantes ao planejado para a seqüência, bem como os instrumentos para a superação de dificuldades serão apresentados aos estudantes. Por fim, a última etapa consiste em uma produção final, em que os alunos podem demonstrar na prática os conhecimentos que foram adquiridos durante todo o trabalho, o que pode ser melhor especificado de acordo com a representação a seguir:

**Imagem 1: O esquema das sequências didáticas**



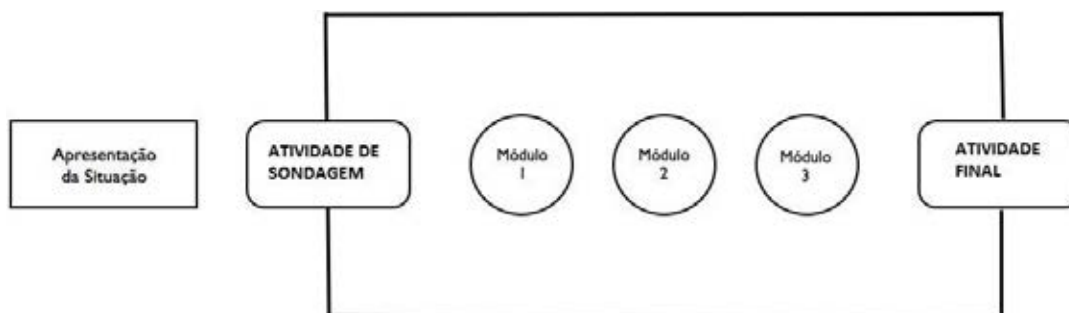
(DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 98)

Em nossa pesquisa, os contos de fadas são o gênero textual trabalhado e foram utilizados como pontos de partida para explorar aspectos pontuais de dificuldades de grupos de alunos, com atividades organizadas por meio de sequências didáticas.

Dessa maneira, realizamos uma adaptação daquilo defendido por Dolz, Noverraz e Schneuwly. Em cada situação, a produção final não seria a produção de um texto, mas, sim, o alcance de um determinado objetivo em uma atividade finalizadora para o tema.

Durante essa adaptação, podemos inferir a seguinte representação para nossas sequências didáticas:

**Imagem 2: O esquema das sequências didáticas adaptado em nosso trabalho**



Julgamos que, por se tratar de um contexto educacional de aula de apoio para alunos com dificuldades específicas, nossa prática, embora fragmentada, surtiria efeitos mais claros e precisos.

## 2 METODOLOGIA

Em nosso trabalho, os contos de fadas serviram como base para a elaboração de sequências didáticas com intuítos diversos, dependentes da proposta de cada série do Ensino Fundamental II e de cada grupo de alunos.

Assim, apresentamos aqui o contexto em que essas sequências foram aplicadas e o porquê da formulação delas.

### 2.1 O contexto educacional da pesquisa

As sequências didáticas que elaboramos foram aplicadas em uma escola estadual de Araraquara, cidade no interior do estado de São Paulo, no mês de maio de 2014.

As atividades ocorreram com três turmas distintas – uma do sétimo ano, uma do oitavo ano e uma do nono ano, todas do Ensino Fundamental II – durante aulas de reforço de Língua Portuguesa para esses grupos de alunos. Em cada uma das séries, as necessidades divergiam; no entanto, o uso de contos de fadas como base, foi o gênero mais favorável ao público-alvo. Em nosso trabalho, faremos um recorte, apresentando uma sequência didática correspondente à cada seriação.

É importante ressaltarmos que, uma vez que nosso trabalho realizou-se durante aulas de reforço e com a parceria dos professores titulares das turmas, as etapas de apresentação da situação e produção inicial eram realizadas por esses docentes. Em seguida, em reuniões com professores auxiliares e a coordenação, os resultados dessas etapas eram discutidos para a elaboração de módulos, com atividades específicas a determinado fim. Dessa forma, as sequências não se pautavam exclusivamente em gêneros textuais, mas, também, em outros aspectos da Língua Portuguesa que se fizessem necessários.

A aplicação das sequências ocorreu em sala de aula, na qual estavam presentes somente os alunos que necessitavam do reforço e esta professora-pesquisadora. As salas eram equipadas com carteiras, ventiladores, lousa e giz. Devido a esse motivo, materiais impressos foram amplamente utilizados.

No sétimo ano do Ensino Fundamental, a sequência didática que será apresentada, baseou-se no conto *Os três porquinhos*. As atividades foram aplicadas para dois alunos, ambos meninos com 12 anos de idade, com grandes dificuldades relacionadas à alfabetização, formação de frases e leitura. Dentre esses alunos, L mal conseguia formar palavras e, durante os primeiros contatos, era bastante tímido.

Já no oitavo ano, a sequência didática baseou-se no conto *João e o Pé-de-Feijão*, sendo aplicada para um grupo de quatro alunos, meninos com 13 anos de idade. Para esses estudantes, a grande dificuldade consistia na fluência da leitura, entendimento e interpretação de textos e identificação de verbos. Embora fossem poucos alunos, esses eram bastante agitados e falantes.

Por fim, no nono ano do Ensino Fundamental, o conto escolhido como base para a sequência didática foi *João e Maria*. O grupo era composto por dois alunos, meninos de 14 anos. O enfoque das atividades desse grupo era para a leitura e produção de textos. Esses alunos eram menos dispersos que os do oitavo ano, porém não menos falantes.

De maneira geral, todos os estudantes possuíam algo tipo de problema familiar, que pôde ser percebido durante as aulas e as conversas com eles. Desde pais separados, até o envolvimento com entorpecentes e bebidas foram relatados. Assim, o universo dos contos de fadas mostrava-se atrativo por ser algo considerado por eles como “fantástico, impossível de acontecer”, mas que com exercícios de interpretação e discussões orais, continham valores aplicados ao dia-a-dia deles.

## **2.2 Material selecionado**

A seguir, apresentaremos as sequências didáticas elaboradas, sendo uma para cada um dos anos do Ensino Fundamental escolhidos, e tendo cada uma, um conto de fadas como base.

Esse material realizou-se com base em atividades que visassem às necessidades de cada grupo de alunos, além do que fosse adequado para cada seriação e idade de aprendizagem. A adequação a essas necessidades poderá ser percebida não somente pelos tipos de exercícios propostos, mas pelos contos escolhidos para cada seriação.

A leitura dos contos e as atividades realizaram-se por meio da entrega de materiais impressos e de livros ilustrados.

### 3 APRESENTAÇÃO DAS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

Neste capítulo iremos apresentar as sequências didáticas que elaboramos e aplicamos com os estudantes, divididas pela seriação deles.

#### 3.1 As sequências didáticas elaboradas

As sequências didáticas abaixo elaboradas seguiram o exposto no primeiro capítulo nesse trabalho, item 1.3. Assim, foram elaboradas pela professora-pesquisadora, com a participação da coordenação da escola na qual as aulas de reforço foram ministradas. Elas possuíram como base relatórios e discussões a respeito das dificuldades apresentadas pelo grupo de alunos que participariam das atividades.

##### 3.1.1 Sequência didática – *Os três porquinhos* (7º ano – Ensino Fundamental)

O conto *Os três porquinhos* foi escolhido para o trabalho com alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental por, entre os que foram selecionados, mostrar-se o mais atrativo para estudantes de 12 anos, trazendo animais como protagonistas. Valores como a sensibilização para a realização de atividades da maneira correta, visando o futuro (metaforizados na construção de casas com materiais diferentes: alguns menos duradouros, outros mais resistentes) e da *preguiça X esforço*, puderam ser trabalhados e discutidos com os estudantes.

#### Sequência didática

**Justificativa:** A sequência didática proposta teve como enfoque atividades de sondagem dos estudantes durante as primeiras aulas de reforço, bem como o início do trabalho com as sílabas das primeiras consoantes do alfabeto, de acordo com as etapas de apresentação de situação e produção inicial, anteriormente desenvolvidas pela professora titular da turma.

#### 1ª AULA

**Duração:** 50 minutos

**Aplicação:** 07/05/2014

**Módulo 1****1ª Atividade:** Leitura de uma adaptação do conto (10 minutos)**Os três porquinhos**

Era uma vez três porquinhos que saíram da casa de sua mãe. Cada um construiria a sua própria casa. Seguiram caminhos diferentes.

O primeiro porquinho construiu a sua casa com palha. Logo ficou pronta e ele foi dormir.

Chegou um lobo que queria comer o porquinho e disse:

-Abra esta porta ou derrubarei esta casa com um sopro só!

O porquinho não abriu. O lobo soprou e derrubou a casa. O porquinho fugiu.

O segundo porquinho fez a casa com galhos de árvore. Logo ficou pronta e ele foi dormir.

Outra vez veio o lobo:

-Porquinho, abra a porta ou vou assoprar e derrubar tudo. O porquinho não abriu, o lobo assoprou e derrubou a casa. Mas o porquinho fugiu e se escondeu, e o lobo queria saber: “Onde se meteu este porquinho?”

O terceiro porquinho construiu a sua casa de tijolos. Para lá foram os seus irmãos e o lobo também.

Mas desta vez, o lobo soprou até cansar e não derrubou a casa.

Resolveu descer pela chaminé, mas a lareira estava acesa e ele saiu pegando fogo.

O lobo foi embora e os porquinhos ficaram muito felizes morando na casinha de tijolos.

(FUNDAÇÃO ITAÚ SOCIAL, [2000?])

**2ª Atividade:** Compreensão oral do conto por parte dos alunos. Nesta atividade, perguntas como as que seguem abaixo foram realizadas (5/8 minutos):

- Como o conto começa?
- Qual era o material com que a primeira casinha foi feita?
- Qual era o material com que a segunda casinha foi feita?
- Qual era o material com que a terceira casinha foi feita?

**3ª Atividade:** Sondagem/Ditado. A fim de avaliar a escrita dos alunos, palavras utilizadas amplamente no conto foram ditadas aos alunos (5/8 minutos).

Palavras e expressões utilizadas no ditado: três; porquinho; casa de palha; casa de madeira; casa de tijolo; lobo mau.

**4ª Atividade:** Revendo as vogais. Por meio da utilização do alfabeto móvel, palavras foram formadas e as vogais foram classificadas. (15 minutos)

## **2ª AULA**

**Duração:** 50 minutos

**Aplicação:** 14/05/2014

## **Módulo 2**

**5ª Atividade:** Retomada do conto *Os três porquinhos*. Recontagem pelos alunos (10 minutos)

**6ª Atividade:** Revendo as consoantes: B, C e D. Montagem de sílabas com o alfabeto móvel. (15 minutos)

**7ª Atividade:** Encontrando as sílabas. (15 minutos)

**BA – BE – BI – BO – BU**

**CA – CO – CU**

**DA – DE – DI – DO – DU**

1 ENCONTRE AS SÍLABAS ACIMA NAS FRASES DA HISTÓRIA:

- O PORQUINHO DISSE ‘ADEUS’ PARA SUA MÃE.
- O PRIMEIRO PORQUINHO FEZ UMA CASA DE PALHA.
- O SEGUNDO PORQUINHO FEZ UMA CASA DE MADEIRA.
- O TERCEIRO PORQUINHO FEZ UMA CASA DE TIJOLOS.
- O LOBO MAU ASSOPROU E A CASA DE PALHA DESABOU.
- O LOBO MAU ASSOPROU E A CASA DE MADEIRA DESABOU.
- O LOBO MAU ASSOPROU E A CASA DE TIJOLOS NÃO DESABOU.
- OS PORQUINHOS COMEMORARAM E O LOBO MAU FOI EMBORA.

## **3ª AULA**

**Duração:** 50 minutos

**Aplicação:** 21/05/2014

### Módulo 3

**8ª Atividade:** Retomada do conto *Os três porquinhos*. Recontagem pelo alunos (10 minutos)

### Produção final

**9ª Atividade:** Caça-palavras, com base no conto estudado, e elaboração de frases, oralmente, com as palavras encontradas. (20 minutos)

ENCONTRE AS PALAVRAS INDICADAS NO CAÇA-PALAVRAS ABAIXO:

**LOBO PORCO CASA PALHA MADEIRA TIJOLO**

L	O	B	E	E	T	F	D	A	P
G	A	L	O	B	O	F	F	D	A
T	I	J	O	L	O	T	I	S	L
U	L	B	M	M	B	A	P	A	H
C	A	S	A	U	I	O	O	P	A
T	A	I	G	A	S	O	R	A	J
G	A	B	R	I	L	E	C	L	I
L	U	C	K	A	S	V	O	M	E
M	A	D	E	I	R	A	U	I	T
P	R	O	F	E	S	H	G	A	C

#### 3.1.2 Sequência didática – *João e o pé-de-feijão* (8º ano – Ensino Fundamental)

Escolheu-se o conto *João e o pé-de-feijão* para o trabalho com alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental. Essa escolha foi baseada pelo fato de tratar-se de um história que faz uma metáfora ao processo de passagem da infância para a adolescência. De acordo com Bruno Bettelheim (1980, p. 221-231), a questão do enredo apresentar uma criança que vai

procurar e realizar algo, em um lugar distante de sua moradia, assinala a passagem para a idade adulta e perda da infantilidade. Ao final, o ato de cortar o pé-de-feijão também pode ser interpretado como um corte às soluções “mágicas” e, a partir de então, encarar-se a realidade em sua forma mais verdadeira.

### **Sequência didática**

**Justificativa:** A sequência didática, desenvolvida durante aulas de reforço da série, voltou-se para atividades que propusessem a leitura, interpretação e escrita, bem como o trabalho com uma classe de palavras específica: verbos. Novamente, as primeiras etapas – apresentação da situação e produção inicial foram aplicadas anteriormente, pela professora titular da turma. O trabalho com essa classe de palavras fez-se necessário quando se iniciaram os trabalhos com noções de sintaxe, como identificação de sujeitos, predicados e verbos em orações.

#### **1ª AULA**

**Duração:** 50 minutos

**Aplicação:** 23/07/2014

### **Módulo 1**

**1ª Atividade:** Leitura de uma adaptação do conto, realizada pelos alunos (7 – 10 minutos)

#### **João e o pé-de-feijão**

Era uma vez uma pobre viúva. Ela tinha um filho muito rebelde e esbanjador. O seu pai tinha sido um homem muito rico, até que um dia um gigante roubou sua harpa mágica e a galinha dos ovos de ouro. O pai morreu pobre. O pouco que restou o menino acabou com tudo, por ser um grande esbanjador.

A única coisa que sobrou foi uma vaquinha. Um dia não tendo mais o que comer, a mãe pediu ao menino:

– Vá à cidade e venda nossa vaquinha para que possamos comprar pão. Assim o menino foi levar a vaquinha ao mercado. No caminho encontrou um açougueiro que lhe propôs:

– Troco sua vaca por uns grãos mágicos de feijão. O que acha?

João, achando que fosse uma grande oferta, acabou aceitando. Quando o menino chegou à casa, a mãe ficou furiosa com a troca que o menino havia feito. Ela pegou os grãos de feijão e os jogou pela janela. A mãe foi dormir chorando porque não tinham o que comer.

Na manhã seguinte, João acordou bem cedo e com muita fome. Ficou espantado quando viu um pé-de-feijão tão grande que chegava ao topo do céu. João, que gostava de aventuras, resolveu subir nele. Depois de subir algumas horas, encontrou um castelo entre as nuvens.

A porta do castelo estava aberta e ele resolveu entrar. Dentro do castelo encontrou o malvado gigante dormindo. Era o mesmo gigante que tinha roubado a harpa mágica e a galinha dos ovos de ouro.

O menino foi até a outra sala do castelo e encontrou a harpa mágica e a galinha dos ovos de ouro. Quando o menino pegou a harpa e a galinha, ela começou a cacarejar e o gigante despertou com o barulho.

O gigante ainda conseguiu ver o menino fugindo. O menino desceu mais que depressa pelo pé-de-feijão. O gigante foi atrás, mas como não tinha a mesma agilidade, o gigante não conseguiu alcançar João. Quando João desceu, ele pegou um machado e cortou a árvore.

A árvore caiu e o gigante levou um tombo muito grande. Com a queda o gigante acabou morrendo. João contou a aventura para sua mãe, que ficou muito orgulhosa com a coragem do menino.

De posse da harpa mágica e da galinha dos ovos de ouro, João e sua mãe nunca mais sentiram fome. Viveram felizes para sempre.

(ROCHA, 2010)

**2ª Atividade:** Compreensão oral do conto por parte dos alunos. Nesta atividade, perguntas como as que seguem abaixo foram realizadas (15 minutos):

- Vocês conheciam esse conto? Se sim, onde já tinham ouvido essa história?
- O que a mãe de João pediu para ele fazer, quando chegasse à cidade? O que realmente o menino fez?
- Como um pé-de-feijão nasceu no quintal da casa de João?
- Subindo no pé-de-feijão, o que o menino João encontrou?
- Por que João cortou o pé-de-feijão, no final da história?

- Ao terminarmos de ler a história, podemos dizer que a troca pelos feijões mágicos foi algo bom ou ruim?

**3ª Atividade:** Atividades escritas: identificação de verbos (15 minutos).

1 Complete as frases abaixo com as palavras do quadro.

PEGOU	ENCONTROU	MORREU	FOI
ACORDOU	VENDA	JOGO	ENCONTROU
	CORTOU	LEVOU	DESCEU

- \_\_\_\_\_ uma vez uma pobre viúva.
- O pai \_\_\_\_\_ pobre.
- Vá à cidade e \_\_\_\_\_ nossa vaquinha.
- No caminho \_\_\_\_\_ um açougueiro.
- Ela \_\_\_\_\_ os grãos de feijão e os \_\_\_\_\_ pela janela.
- Na manhã seguinte, João \_\_\_\_\_ bem cedo e com muita fome.
- O menino \_\_\_\_\_ até a outra sala do castelo e \_\_\_\_\_ a harpa mágica e a galinha dos ovos de ouro.
- Quando João \_\_\_\_\_ ele pegou um machado e \_\_\_\_\_ a árvore.
- A árvore \_\_\_\_\_ e o gigante \_\_\_\_\_ um tombo muito grande.

2 Responda: Se as frases do exercício anterior não fossem completadas com as palavras do quadro, elas fariam sentido? Justifique a sua resposta.

## 2ª AULA

**Duração:** 50 minutos

**Aplicação:** 30/07/2014

## Módulo 2

**5ª Atividade:** Retomada do conto *João e o pé-de-feijão*. Recontagem pelos alunos (10 - 15 minutos)

## Produção final

**6ª Atividade:** Montagem - O pé-de-feijão dos verbos. (30 – 35 minutos)

Em uma estrutura de um pé-de-feijão, feita de E.V.A., os alunos devem colocar somente os verbos como brotos da árvore, em detrimento das outras palavras presentes.

Palavras:

(Verbos) Vendeu – Trocou – Subiu – Cortou – Ficou – Caminhou – Encontrou – Tinha – Morreu – Restou – Sobrou – Pediu – Possamos – Pegou – Dormir – Acordou – Chegava – Dormindo – Roubado – Conseguiu – Caiu – Contou – Viveram.

(Outras palavras, de outras classes gramaticais): Filho – Esbanjador – Pai – Rico – Gigante – Homem – Menino – Vaquinha – Cidade – Mãe – Grãos – Mágicos – Castelo – Nuvens – Manhã – Agilidade – Machado – Fome – Felizes.

### 3.1.3 Sequência didática – *João e Maria* (9º ano – Ensino Fundamental)

O conto *João e Maria* foi escolhido para o trabalho com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Essa escolha pautou-se por ser um conto que aborda relações familiares, bem como o abandono por parte da família, podendo esse fato servir de metáfora. Esse aspecto do enredo do conto pode ser interpretado com o significado de uma passagem para o ganho de experiência, em uma vida não mais regrada pelos pais, mas, sim, por vitórias por meio do companheirismo e da cooperação com aqueles de idade semelhante e irmãos (BETTELHEIM, 1980, p.195 – 202).

Fora essas questões, o conto traz uma história em que

[...] os pais são pobres, e se preocupam em como poderão cuidar dos filhos. Juntos, de noite, discutem o futuro deles, e o que poderão fazer por esse futuro. Mesmo em nível superficial, o conto de fadas folclórico transmite uma verdade importante, embora desagradável: a pobreza e a privação não melhoram o caráter do homem, mas, sim, o tornam mais egoísta e menos sensível ao sofrimento dos outros [...] (BETTELHEIM, 1980, p. 195)

Dessa forma, o tom realístico também foi uma das preocupações para a utilização desse enredo com os alunos de 14 anos de idade, não mais tão infantis, mas ainda não adultos.

#### Sequência didática

**Justificativa:** Como enfoque, a sequência didática desenvolvida durante as aulas de reforço, realizou-se com atividades que propusessem a leitura, interpretação e sobretudo a escrita de pequenos textos, destacando a análise do foco narrativo. A necessidade dessas atividades fez-se presente após a aplicação das etapas de apresentação da situação e produção inicial, pela professora titular da turma; em aulas anteriores, pois os alunos não conseguiam identificar a diferença entre textos escritos em primeira pessoa e terceira pessoa.

**1ª AULA****Duração:** 50 minutos**Aplicação:** 23/07/2014**Módulo 1****1ª Atividade:** Leitura de uma adaptação do conto, realizada pelos alunos (10 – 15 minutos)**João e Maria**

Era uma vez.... duas crianças chamadas João e Maria. Eles eram filhos de um lenhador.

- O que vamos fazer com essas duas crianças, se não temos o que comer? Disse a madrasta. Vamos deixá-las na floresta, que talvez por lá elas consigam descobrir um jeito de sobreviver.

- Não, não, não quero nem pensar nisso, disse o lenhador.

João, sem querer, ouviu essa conversa. Foi para o quintal e encheu o bolso de pedrinhas.

No dia seguinte, as crianças foram com o pai e a madrasta para cortar lenha na floresta e lá foram abandonados. Mas, João marcou o caminho com as pedrinhas e, ao anoitecer, conseguiu voltar para casa, com Maria, sua irmã. O pai ficou muito contente, mas a madrasta, não. Mandou-os dormir e trancou a porta do quarto. Como era malvada, ela planejou leva-los ainda mais longe no dia seguinte. E João não conseguiu sair do quarto para apanhar as pedrinhas porque ela tinha trancado a porta. Antes de saírem para o passeio, receberam para comer um pedaço de pão velho.

João, em vez de comer o pão, guardou-o. Depois, ao longo do caminho, jogava os pedacinhos no chão, para marcar o caminho de volta. Chegando a uma clareira, a madrasta ordenou que esperassem até que ela colhesse algumas frutas, por ali.

Mas eles esperaram em vão. Ela os tinha abandonado mesmo!

- Não chore, Maria, disse João. Agora, só temos é que seguir a trilha que eu fiz até aqui, e ela está toda marcada com as migalhas de pão.

Só que os passarinhos tinham comido todas as migalhas de pão deixadas no caminho. As crianças andaram, andaram, andaram muito até que chegaram a uma casinha toda feita com chocolate, biscoitos e doces.

Famintos, correram, correram e começaram a comer. De repente, apareceu uma velhinha, dizendo:

- Entrem, entrem, entrem, que lá dentro tem muito mais para vocês.

Mas a velhinha era uma bruxa e aprisionou João numa jaula para que ele engordasse. Ela queria devorá-lo bem gordo. E fez da pobre Maria, sua escrava.

Todos os dias, João tinha que mostrar o dedo para ela sentir se estava engordando. O menino, muito esperto, percebendo que a bruxa enxergava pouco, mostrava um ossinho de galinha. E ela ficava furiosa e reclamava com Maria:

- Esse menino, não há meios de engordar, Dá mais comida para ele!

Um dia, assim que a malvada acordou, cansada de tanto esperar, foi logo gritando:

- Hoje eu vou fazer uma festança. Maria, ponha um caldeirão bem grande, com água até a boca, para ferver. Dê bastante comida para seu irmão, pois é hoje que vou comê-lo ensopado.

Assustada, Maria começou a chorar.

Em seguida, ela teve uma ideia para os dois se livrarem da bruxa.

- E, como vou acender o fogo do forno?

- Menina imbecil, não sabe acender um fogo? Pois vou comê-la também.

E, pegando a tocha acesa, foi ensinar Maria a acender o fogo. Abriu a porta do forno e acendeu.

Então, a menina empurrou a bruxa lá para dentro do forno e fechou a porta. Libertou o irmão, que ainda levou guloseimas e um tesouro que a bruxa guardava.

Mas, lá fora na floresta, os dois estavam novamente perdidos. E aí avistaram um passarinho que lhes ensinou o caminho de casa. Quando os viu, o pai ficou muito contente e a madrasta que, nessa época já estava arrependida, prometeu cuidar deles com muito carinho para sempre.

(1972)

**2ª Atividade:** Compreensão oral e escrita do conto por parte dos alunos (10 - 15 minutos):

1 Responda as questões seguintes com base em sua leitura do texto:

- Vocês conheciam esse conto? Se sim, onde já tinham ouvido essa história?
- Qual é a parte principal da história em sua opinião?
- O conto traz alguma moral? Qual a mensagem transmitida por ele?
- É possível saber quem está nos contando a história?

- Caso você fosse participasse da história, que personagem você seria? Por quê?

**3ª Atividade:** Correção oral das atividades realizadas (10 minutos)

## **2ª AULA**

**Duração:** 50 minutos

**Aplicação:** 30/07/2014

### **Produção final**

**4ª Atividade:** Retomada da história e escrita de um texto (mudança do foco narrativo) (45 minutos)

Tomando por base a resposta da questão “*Caso você fosse participasse da história, que personagem você seria? Por quê?*” (exercício 1), elabore um texto narrativo que conte a história de João e Maria sob o ponto de vista dessa personagem.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após a aplicação das sequências didáticas, foi possível identificar resultados positivos nas atividades realizadas com os estudantes, como descritos abaixo:

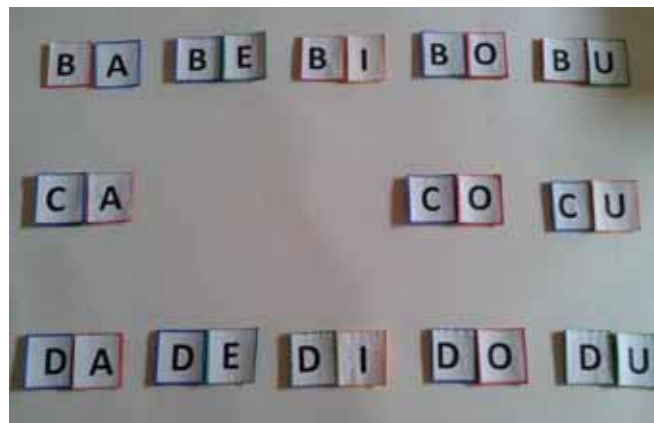
### 4.1 Sequência didática *Os três porquinhos* – 7º ano

Vogais, sílabas e formação de palavras com o alfabeto móvel

**Imagem 3: Alfabeto móvel**



**Imagem 4: Sílabas – Alfabeto móvel**



**Imagem 5: Palavras – Alfabeto móvel**

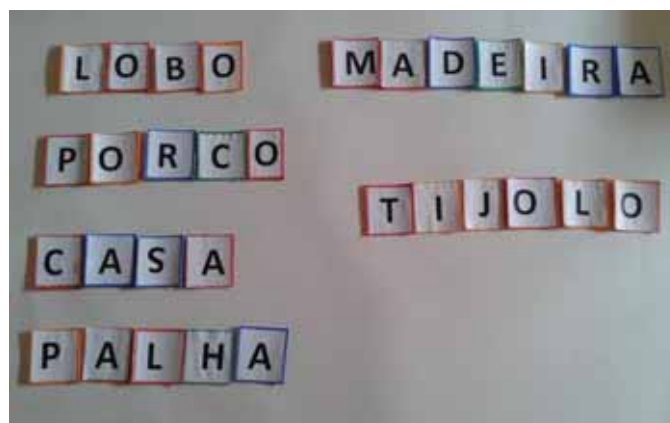


Imagem 6: Sondagem – Aluno L

\* Sondagem - "Os três porquinhos"

tres	três
porqio	porquinho
cas adelpalva	casa de palha
madeira	casa de madeira
caso detesoro	casa de tijolo
Labuno	lobo mau

Imagem 7: Sondagem – Aluno G

\* Sondagem - "Os três porquinhos"

tres	três
Porquinho	porquinho
Casa de palha	casa de palha
Casa de madeira	casa de madeira
Casa de tecido	casa de tijolo
lobo mau	lobo-mau

## Imagem 8: Atividades – Aluno L

### ATIVIDADE – OS TRÊS PORQUINHOS

BA – BE – BI – BO – BU

CA – CO – CU

DA – DE – DI – DO – DU

1. ENCONTRE AS SÍLABAS ACIMA NAS FRASES DA HISTÓRIA:

- O PORQUINHO DISSE 'ADEUS' PARA SUA MÃE.
- O PRIMEIRO PORQUINHO FEZ UMA CASA DE PALHA.
- O SEGUNDO PORQUINHO FEZ UMA CASA DE MADEIRA.
- O TERCEIRO PORQUINHO FEZ UMA CASA DE TIJOLOS.
- O LOBO MAU ASSOPROU E A CASA DE PALHA DESABOU.
- O LOBO MAU ASSOPROU E A CASA DE MADEIRA DESABOU.
- O LOBO MAU ASSOPROU E A CASA DE TIJOLOS NÃO DESABOU.
- OS PORQUINHOS COMEMORARAM E O LOBO MAU FOI EMBORA.

2. NA SUA OPINIÃO, POR QUE O LOBO MAU ASSOPRAVA A CASA DOS PORQUINHOS?

R: É LHE ETAFACON FOME

3. ENCONTRE AS PALAVRAS INDICADAS NO CAÇA-PALAVRAS ABAIXO:

L	O	B	E	E	T	F	D	A	P
G	A	L	O	B	O	F	F	D	A
T	I	J	O	L	O	T	I	S	L
U	L	B	M	M	B	A	P	A	H
C	A	S	A	U	I	O	O	P	A
T	A	I	G	A	S	O	R	A	J
G	A	B	R	I	L	E	C	L	I
L	U	C	K	A	S	V	O	M	E
M	A	D	E	I	R	A	U	I	T
P	R	O	F	E	S	H	G	A	C

LOBO  
PORCO  
CASA  
PALHA  
MADEIRA  
TIJOLO

## Imagem 9: Atividades – Aluno G

### ATIVIDADE – OS TRÊS PORQUINHOS

BA – BE – BI – BO – BU

CA – CO – CU

DA – DE – DI – DO – DU

1. ENCONTRE AS SÍLABAS ACIMA NAS FRASES DA HISTÓRIA:

- O PORQUINHO DISSE 'ADEUS' PARA SUA MÃE.
- O PRIMEIRO PORQUINHO FEZ UMA CASA DE PALHA.
- O SEGUNDO PORQUINHO FEZ UMA CASA DE MADEIRA.
- O TERCEIRO PORQUINHO FEZ UMA CASA DE TIJOLOS.
- O LOBO MAU ASSOPROU E A CASA DE PALHA DESABOU.
- O LOBO MAU ASSOPROU E A CASA DE MADEIRA DESABOU.
- O LOBO MAU ASSOPROU E A CASA DE TIJOLOS NÃO DESABOU.
- OS PORQUINHOS COMEMORARAM E O LOBO MAU FOI EMBORA.

2. NA SUA OPINIÃO, POR QUE O LOBO MAU ASSOPRAVA A CASA DOS PORQUINHOS?

R: para comer eles

3. ENCONTRE AS PALAVRAS INDICADAS NO CAÇA-PALAVRAS ABAIXO:

L	O	B	E	E	T	F	D	A	P
G	A	L	O	B	O	F	F	D	A
T	I	J	O	L	O	T	I	S	L
U	L	B	M	M	B	A	P	A	H
C	A	S	A	U	I	O	O	P	A
T	A	I	G	A	S	O	R	A	J
G	A	B	R	I	L	E	C	L	I
L	U	C	K	A	S	V	O	M	E
M	A	D	E	I	R	A	U	I	T
P	R	O	F	E	S	H	G	A	C

LOBO
PORCO
CASA
PALHA
MADEIRA
TIJOLO

Com os dois alunos do sétimo ano, a sequência didática e a história de *Os três porquinhos* mostrou-se encantadora para eles, que não a conheciam. O aluno L, que possui muitas dificuldades relacionadas à alfabetização e que, de acordo com a professora titular da turma negava-se a realizar alguns exercícios em sala, mostrou-se participativo nas aulas de reforço. Esse interesse também pôde ser justificado pelo fato de, a partir de então, ele ter encontrado atividades destinadas para ele. O trabalho com as consoantes foi satisfatório, embora algumas dificuldades tenham sido demonstradas na atividade de produção final – caça-palavras, com a identificação das sílabas. L algumas vezes não conseguia identificar quais palavras já havia ou não encontrado. Já G, o outro aluno que participou das aulas, realizou a atividade de maneira tranquila.

Notou-se também que na elaboração das frases, enquanto L ficou mais focado em realizar frases de acordo com a narrativa de *Os três porquinhos* (*Os porquinhos eram irmãos; O porquinho tem medo do lobo*, por exemplo), G utilizava as palavras em outros contextos (*Nunca vi um lobo na minha vida; Não como carne de porquinho*, por exemplo).

#### **4.2 Sequência didática *João e o Pé-de-Feijão* – 8º ano**

### Imagem 10: Atividades – Aluno A

#### ATIVIDADES – JOÃO E O PÉ – DE – FEIJÃO

1. Complete as frases abaixo com as palavras do quadro.

ERA	CAIU	PEGOU	ENCONTROU	MORREU
	FOI	ACORDOU	VENDA	JOGOU
	ENCONTROU	CORTOU	LEVOU	DESCEU

- era uma vez uma pobre viúva.
- O pai era pobre.
- Vá à cidade e venda nossa vaquinha.
- No caminho encontrou um açougueiro.
- Ela pegou os grãos de feijão e os jogou pela janela.
- Na manhã seguinte, João acordou bem cedo e com muita fome.
- O menino foi até a outra sala do castelo e pegou a harpa mágica e a galinha dos ovos de ouro.
- Quando João desceu ele pegou um machado e cortou a árvore.
- A árvore caiu e o gigante chegou um tombo muito grande.

2. Responda: Se as frases do exercício anterior não fossem completadas com as palavras do quadro, elas fariam sentido? Justifique a sua resposta.

sem as palavras não ia fazer sentido

#### Revisão

VERBOS: Palavras que indicam ações, estados e fenômenos da natureza.

- João contou a aventura para sua mãe. – Contou (Contar): AÇÃO
- A porta do castelo estava aberta. - Estava (Estar): ESTADO
- Não choveu ontem. – Choveu (Chover): FENÔMENO DA NATUREZA

## Imagem 11: Atividades – Aluno G

### ATIVIDADES – JOÃO E O PÉ – DE – FEIJÃO



1. Complete as frases abaixo com as palavras do quadro.

ERA	CAIU	PEGOU	ENCONTROU	MORREU
	FOI	ACORDOU	VENDEU	JOGOU
ENCONTROU		CORTOU	LEVÓU	DESCEU

- ERA uma vez uma pobre viúva.
- O pai morreu pobre.
- Vá à cidade e vende nossa vaquinha.
- No caminho encontrou um açougueiro.
- Ela pegou os grãos de feijão e os jogou pela janela.
- Na manhã seguinte, João acordou bem cedo e com muita fome.
- O menino foi até a outra sala do castelo e encontrou a harpa mágica e a galinha dos ovos de ouro.
- Quando João morreu ele pegou um machado e cortou a árvore.
- A árvore caiu e o gigante levou um tombo muito grande.

2. Responda: Se as frases do exercício anterior não fossem completadas com as palavras do quadro, elas fariam sentido? Justifique a sua resposta.

não porque da não há um igual no texto

#### Revisão

VERBOS: Palavras que indicam ações, estados e fenômenos da natureza.

- João contou a aventura para sua mãe. – Contou (Contar): AÇÃO
- A porta do castelo estava aberta. - Estava (Estar): ESTADO
- Não choveu ontem. – Choveu (Chover): FENÔMENO DA NATUREZA

## Imagem 12: Atividades – Aluno I

### ATIVIDADES – JOÃO E O PÉ – DE – FEIJÃO

1. Complete as frases abaixo com as palavras do quadro.

ERA	CAIU	PEGOU	ENCONTROU	MORREU
	FOI	ACORDOU	VENDA	JOGOU
	ENCONTROU	CORTOU	LEVOU	DESCEU

- ERA uma vez uma pobre viúva.
- O pai morreu pobre.
- Vá à cidade e traga nossa vaquinha.
- No caminho encontrou um açougueiro.
- Ela pegou os grãos de feijão e os jogou pela janela.
- Na manhã seguinte, João acordou bem cedo e com muita fome.
- O menino foi até a outra sala do castelo e encontrou a harpa mágica e a galinha dos ovos de ouro.
- Quando João deitou ele pegou um machado e cortou a árvore.
- A árvore caiu e o gigante desceu um tombo muito grande.

2. Responda: Se as frases do exercício anterior não fossem completadas com as palavras do quadro, elas fariam sentido? Justifique a sua resposta.

por que is não faz sentido por que não  
is não faz sentido

#### Revisão

VERBOS: Palavras que indicam ações, estados e fenômenos da natureza.

- João contou a aventura para sua mãe. – Contou (Contar): AÇÃO
- A porta do castelo estava aberta. - Estava (Estar): ESTADO
- Não choveu ontem. – Choveu (Chover): FENÔMENO DA NATUREZA

### Imagem 13: Atividades – Aluno M

#### ATIVIDADES – JOÃO E O PÉ – DE – FEIJÃO

1. Complete as frases abaixo com as palavras do quadro.

ERA	CAIU	PEGOU	ENCONTROU	MORREU
	FOI	ACORDOU	VENDA	JOGOU
	ENCONTROU	CORTOU	LEVOU	DESCEU

- Era uma vez uma pobre viúva.
- O pai morreu pobre.
- Vá à cidade e veja nossa vaquinha.
- No caminho acordou um açougueiro.
- Ela pegou os grãos de feijão e os  jogou  pela janela.
- Na manhã seguinte, João acordou bem cedo e com muita fome.
- O menino foi até a outra sala do castelo e encontrou a harpa mágica e a galinha dos ovos de ouro.
- Quando João jogou ele pegou um machado e cortou a árvore.
- A árvore caiu e o gigante caiu um tombo muito grande.

2. Responda: Se as frases do exercício anterior não fossem completadas com as palavras do quadro, elas fariam sentido? Justifique a sua resposta.

por que elas não fazem sentido

---



---

#### Revisão

VERBOS: Palavras que indicam ações, estados e fenômenos da natureza.

- João contou a aventura para sua mãe. – Contou (Contar): AÇÃO
- A porta do castelo estava aberta. - Estava (Estar): ESTADO
- Não choveu ontem. – Choveu (Chover): FENÔMENO DA NATUREZA



### Imagem 16: Substantivos



O grupo de alunos do 8º ano que participou da aplicação das sequências didáticas também apresentou resultados satisfatórios. Os alunos A, G, I, e M já conheciam a história, mas confessaram que somente a tinham escutado, e nunca lido o texto ou uma adaptação. Identificaram-se também com o personagem João, não somente pela coragem, mas por não ter feito exatamente o que sua mãe havia solicitado.

Na produção final, o trabalho com a identificação de verbos mostrou-se efetivo, pois todos os alunos se ajudaram e confundiram-se poucas vezes. O interessante foi a “técnica” adotada por eles mesmos: antes, formavam frases com as palavras, a fim de conseguirem identificar se eram ou não realmente verbos.

4.3 Sequência didática *João e Maria* – 9º ano

## Imagem 17: Atividades – Aluno L

//

## ATIVIDADES – JOÃO E MARIA

## Compreensão e interpretação do texto

1. Responda as questões seguintes com base em sua leitura do texto:

- Vocês conheciam esse conto? Se sim, onde já tinham ouvido essa história?

Sim? Na escola

- Qual é a parte principal da história em sua opinião?

A parte mais importante foi que o João mostrou o uso da galinha para a esposa sabe que ele não estava enganado

- O conto traz alguma moral? Qual a mensagem transmitida por ele?

Não é em todo mundo que pode confiar?

- É possível saber quem está nos contando a história?

Não porque é o narrador em 3ª pessoa

- Caso você fosse participasse da história, quem personagem fosse seria? Por quê?

O João porque ele é esperto

## Produção escrita:

Tomando por base a resposta da questão "Caso você fosse participante da história, quem personagem fosse seria? Por quê?" (exercício 1), elabore um texto narrativo que conte a história de João e Maria sob o ponto de vista dessa personagem.

Um dia eu e minha irmã estávamos andando na floresta e se perdemos mais eu tinha marcado o lugar com pedrinhas e eu e minha irmã voltamos no outro dia eu disse para a mãe que não poderia se perde então a mãe foi para a floresta de volta e a mãe se perdeu e meus pais foram procurar a mãe e a mãe veio uma casa de dia e estávamos faminto e comemos os doces de um velho e disse então para a mãe entrar e meu pai ficou me procurando e veio a casa e eu e Maria fizemos uma armadilha e pegamos a bruxa e fugimos e meu pai não foi lá fora e levou a mãe para casa e nunca mais voltamos lá.

**Imagem 18: Atividades – Aluno R.**

**ATIVIDADES – JOÃO E MARIA**

**Compreensão e interpretação do texto**

1. Responda as questões seguintes com base em sua leitura do texto:

- Vocês conheciam esse conto? Se sim, onde já tinham ouvido essa história?

Sim, na escola

- Qual é a parte principal da história em sua opinião?

A parte que eles conseguiram fugir da casa do Bruxa

- O conto traz alguma moral? Qual a mensagem transmitida por ele?

Não podemos confiar em qualquer pessoa

- É possível saber quem está nos contando a história?

Não, porque é um narrador em 3ª pessoa

- Caso você fosse participante da história, quem personagem fosse seria? Por quê?

O João, porque eu sou esperto

### Produção escrita:

Tomando por base a resposta da questão "Caso você fosse participante da história, quem personagem fosse seria? Por quê?" (exercício 1), elabore um texto narrativo que conte a história de João e Maria sob o ponto de vista dessa personagem.

Eu sou a Mary, sou a minha irmã mais velha, não sou a filha de um leproso que queria deixar a gente na floresta porque não tinha dinheiro pra ele comprar pra nós. Um dia nós fomos andando na floresta, e as pedras da nossa perna, então fomos andando até que encontramos uma cachoeira inteira de abaca, e quem estava lá era uma Branca, que ficou ao lado e mandou na casa dela, ela estava querendo me ajudar para me salvar, e eu fui ajudando ela com um pedaço de carne que tinha lá, mas ela só me ajudou e ela não se foi e me ajudou e não ajudou do que ela fez, e ficou na floresta por muito tempo, ela não estava com vontade que me ajudasse e comia de leite, e quando eu não podia mais comer a fruta que eu ia comendo de gente.

Os alunos do nono ano, L e R mostraram-se, a princípio, mais resistentes para o trabalho com contos de fadas. No entanto, ao começar a leitura da história *João e Maria*, que apenas um deles conhecia realmente (o outro apenas havia ouvido seu nome na escola), essa resistência foi diminuindo, ao ponto de as atividades puderem ser realizadas de forma tranquila.

Na proposta de produção final, reescrita do texto com a mudança do foco narrativo, ambos realizaram o exercício colocando-se no lugar do personagem João. Embora com alguns erros ortográficos, a mudança de terceira para primeira pessoa realizou-se de maneira satisfatória. Algumas confusões durante a escrita do texto ocorreram, mas dúvidas foram sanadas. Percebeu-se que o aluno R conseguiu realizar o texto de forma mais fluente, sendo que, era justamente ele quem já conhecia a narrativa, nunca efetivamente lida por L. Assim, comprovamos que o conhecimento prévio da história mostrou-se favorável para a realização da atividade.

#### **4.4 Algumas conclusões sobre a aplicação das sequências didáticas**

Após a realização do trabalho envolvendo sequências didáticas e contos de fadas, concluímos que o uso desse gênero textual, mais relacionado e aplicado às crianças pequenas, surtiu efeitos positivos em pré-adolescentes e adolescentes que tiveram contato com as histórias.

Embora alguns tivessem se mostrado resistentes no início das atividades, sobretudo os alunos do último ano do Ensino Fundamental II, o trabalho mostrou-se efetivo para a melhora no ensino e na aprendizagem dos discentes, que em aulas posteriores comportaram-se de maneira mais participativa.

No entanto, a falta de conhecimentos prévios e a pouca bagagem de leitura atuaram como os principais itens dificultadores na realização desse trabalho. Nota-se que é necessário que não somente as escolas, mas as famílias e a sociedade valorize e estimule o hábito da leitura, a fim de auxiliar na promoção de uma educação de qualidade para todas as presentes e futuras gerações.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho propôs a aplicação de sequência didáticas, baseadas na leitura de contos de fadas, utilizando esses textos como pontos de partida. Após a realização e análise dessas sequências e atividades nelas desenvolvidas, foi possível perceber que, embora as narrativas apresentadas estivessem em circulação desde muitos anos atrás, elas se mostraram encantadoras para os alunos, e, até mesmo, desconhecidas em algumas situações.

Desconhecidas porque alguns alunos nunca as tinham lido e, quando já sabiam do que elas tratavam, não era por meio da leitura, mas, sim, por terem ouvido em algum momento de suas vidas aquelas histórias. Encantadoras, exatamente por não serem conhecidas e pelo fato de nunca terem realizado uma conexão com o presente nos contos de fadas e o cotidiano do ser humano: seus desejos e suas angústias, seus medos e alegrias.

Como o dito por Machado (2002), o novo atrai, na medida em que oferece obstáculos e foge daquilo que é comum. Não sendo conhecidos e com metáforas de transformações e ritos de passagens de nossas vidas, os contos de fadas, após lidos e discutidos, motivaram os estudantes a realizar exercícios com conceitos que, a princípio, podiam ser vistos como complicados e maçantes, como o caso do trabalho com verbos com os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental. Entretanto, o desenvolvimento da atividade proposta pela professora-pesquisadora revelou exatamente o contrário.

Dessa forma, o desconhecimento dos textos acabou funcionando como um fator favorável, despertando a curiosidade e motivando os alunos para a leitura. O sentimento de descoberta pode ser considerado como um dos grandes frutos e resultados desse trabalho.

Além disso, julga-se que a leitura, seja ela em qual gênero se apresente, motiva o aluno e auxilia no processo de formação de sua consciência como leitor e, conseqüentemente, em sua aprendizagem. Dessa maneira, inserir a leitura em aulas e no cotidiano do aluno é um dos caminhos para uma aprendizagem mais significativa e dinâmica.

Em nosso estudo, os contos de fadas estimularam os alunos para a realização de exercícios pontuais, elaborados visando dificuldades e assuntos específicos. Finalizamos mantendo a proposta do uso desse gênero textual em sala de aula, a partir do qual atividades de adaptação e reescritas podem ser realizadas, em conjunto com exercícios de interpretação, identificação, gramaticais e os que se fizerem importantes para as necessidades dos estudantes. Com base na escolha dos textos, diversas faixas etárias podem ser contempladas, bem como com o intertexto entre textos escritos e músicas, filmes, seriados e animações.

## REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2002.

COELHO, Nelly Novais. **Panorama histórico da literatura infantil juvenil: das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo**. São Paulo: Ática, 1991.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: Apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 95-128.

FUNDAÇÃO ITAÚ SOCIAL. **Os três porquinhos**. São Paulo: Girassol [2000?].

JESUALDO. **A literatura infantil**. Tradução de James Amado. São Paulo: Cultrix, 1978.

**JOÃO e Maria**. Ilustrações de Rose Art Studios. Rio de Janeiro: Record, 1972.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler o s Clássicos Universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

PROPP, Vladimir I. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

ROCHA, Ruth. **João e o pé-de-feijão**. Ilustrações de Elisabeth Teixeira. São Paulo: Salamandra, 2010.

ZANE, Valéria Cristina. Processos de desenvolvimento afetivo sociomoral e sua importância para relações interpessoais saudáveis. In: KOBAYASHI, Maria do Carmo Monteiro (Org). **Literatura infantil na formação do leitor: teorias e vivências**. Bauru, SP: Canal Editora, 2013, p. 31-43.

**BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1995.

GAGLIARDI, Eliana; AMARAL, Heloisa. **Trabalhando com os gêneros do discurso – narrar – Contos de Fadas**. São Paulo: FTD, 2001.

GRIMM, Jacob. **Os contos de Grimm**. Tradução do alemão de Tatiana Belinky. São Paulo: Paulinas, 1989.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SILVEIRA, Rosângela Sanches da. **A presença do herói nos contos de fadas**. 1996. 1167 Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1996.